



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10943 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

**MODOS DE ESTAR JUNTAS: ENSINO REMOTO COM, POR E EM MEIO À ARTE**

Daniela da Cruz Schneider - FURG - Universidade Federal do Rio Grande

Livia Lempek Trindade Monteiro - FURG - Universidade Federal do Rio Grande

Agência e/ou Instituição Financiadora: não se aplica

**MODOS DE ESTAR JUNTAS: ENSINO REMOTO COM, POR E EM MEIO À ARTE**

Este texto não propõe análise de dados obtidos em uma pesquisa. Antes, fabula resultados e um modo de enfrentá-los, oriundos de projetos ainda em andamento, que prospectam as ressonâncias de uma pandemia e seus desdobramentos nos modos de ensinar arte. Alinha-se com uma premissa imprescindível para a produção de conhecimento, em tempos sombrios: tudo o que não invento é falso, como nos ensinou Manoel de Barros. Assim, é sensível aos dados oriundos de projetos de pesquisa, extensão e ensino elaborados e propostos no contexto de ensino remoto emergencial, imposto pela pandemia por COVID-19. Tais projetos tomaram por objetivo experienciar a casa como lugar e matéria da produção artística e/ou docente. Fizeram do isolamento social a materialidade para operar plasticidades que se expressaram menos em linguagens tradicionais da arte, para desdobrá-lo como modo de existência. Demandaram, assim, uma mudança atitudinal, fazendo do cotidiano sítio da experimentação de si.

Os projetos de pesquisa em questão [autoras optam pela omissão de dados dos projetos, a serem incluídos após avaliação por pares, para não comprometer processo de avaliação às cegas] colocaram em contato docentes da rede de educação básica de uma cidade do sul do Sul do Brasil, acadêmicos/as dos cursos licenciatura e bacharelado em artes visuais, buscando, com isso mapear e construir colaborativamente condições para que o ensino remoto em e com arte pudesse ocorrer. O projeto de pesquisa, que centraliza atenção nos modos como o ensino de arte foi possível para os/as docentes em atuação nessa rede de ensino, encontra-se ainda em fase de execução, entremeando-se ao que foi também mapeado

junto ao projeto de extensão. Optou-se por uma perspectiva de pesquisa-ação, inspirada em aspectos cartográficos, favorecendo a ampliação de conhecimentos e ferramentas metodológicas da A/R/Tografia. Propõe modos de fazer pesquisa atrelando os saberes (teoria), as práticas (práxis) e a poética (poiesis). “Se concebermos pesquisar, ensinar e fazer arte como atividades que se costuram através umas das outras” (IRWIN, 2013. p.127). Colocando a produção poética, a pesquisa e a docência. A primeira presente através de exercícios de breves poéticas, tendo a casa como eixo de provocações e gestos artísticos, isto é, ao estar em contato com arte contemporânea e suas temáticas é disparado um processo de provocação do seu olhar para o habitar. A segunda, pode-se entender como investigação, no sentido de cultivar a atitude investigativa e pesquisadora frente a vida, aqui primordialmente atenta às práticas formativas e as provocações poéticas. Por fim, a docência como prática e experiência estética.

Tanto a pesquisa quanto a extensão, disparadas por essa compreensão propuseram o cotidiano, as estéticas domésticas, a infimidade do banal como matérias de trabalho para operar processos de diferenciação de si. Bourriaud (2009a, p.13) interroga, em meio a este texto: “O que fazer com isso? Dito em outros termos: como produzir singularidades, como elaborar sentidos a partir dessa massa caótica de objetos, de nomes próprios e de referências que constituem o cotidiano?” Pergunta da formação. Criar relações com a vida: vetor de uma formação ética-estética. Em meio a um mundo de relações, a pergunta de Bourriaud convoca a uma atitude de *usar* o mundo, constituindo para *si* e no *si* outras formas. Promover, assim, junções inusitadas, aproximações impensadas. O que se faz no *entre* desses sortimentos de possíveis relações é a criação de mais uma relação, mais uma forma de dar expressão às experiências que se produzem no encontro com o mundo. Compor a partir daquilo que se experimenta.

É neste ponto que se situa a problemática deste texto: os modos de propor relações. Não apresenta respostas, mas empenha-se na tarefa de fazer perguntas: dado o caos, dado o contexto pandemônico, dada a crise moral e política que se instaura no mundo, o que de pode a arte? A pergunta já parece enfadonha, mas retorna forte, quando matizada pelo interesse de pensar com Bourriaud (2009b), afinal, o que seria a arte? Um modo de criar ou repropor relações com o mundo. E esse torna-se não apenas o objetivo teórico e expositivo desse texto, mas a intensificação das proposições dos projetos mencionados: em meio ao isolamento, em meio a necropolítica, era necessário que estivéssemos juntas, juntos e juntas. Tratava-se, assim, de algo absolutamente ético, estético e, logo, político, que algo pudesse estabelecer um modo de criar relações. A partir desses três projetos as relações com a casa, com o isolamento e com a consternação que uma praga pode instaurar nos regimes de sensibilidade.

Narramos aqui *Os Exercícios Para Breves Poéticas*, que configuraram-se em práticas, experimentações, ações propostas para cultivar e ativar estados de presença desde nossos isolamentos sociais. Isolados/as, porém em grupo. A cada semana uma temática, um fio para nos segurarmos – ou talvez nos equilibrarmos. Com certeza, fio para enredar. A cada semana era disparado, na forma de uma instrução, por meio de grupo formado no whatsapp,

um *exercício para breves poéticas*, que acionava esses fios poéticos e convidava a uma experimentação. Desde a casa, explorar a possibilidade de pequenas performances, fotografias, vídeos, instalações, entre outros meios e procedimentos alinhados com práticas contemporâneas de produção de arte. Listamos aqui dessas seis instruções:

*Exercício para breve poética 01:* [uma imagem prolixa de si]: compor uma imagem de si com os objetos da casa, com as histórias e as memórias desses objetos. Como eles dizem de mim? O que eles falam por mim? Constitua uma imagem, componham, façam um registro. Poste no grupo Maloca Pandêmica.

*Exercício para breve poética 02:* [sobre as marcas do tempo em casa e/ou no corpo]: produzir e registrar experimentações a partir das marcas da passagem do tempo em casa e/ou no corpo. Postar no Grupo Maloca Pandêmica.

*Exercício para breve poética 03:* [dos acúmulos]: dar visibilidade/materialidade/organização para os acúmulos que produzimos. Postar no grupo Maloca Pandêmica.

*Exercício para breve poética 04:* [das pós-produções – práticas de des-uso] selecione um objeto ou um conjunto de objetos faça deles um uso diferente daquele para o qual foi destinado. Registre. Postar no grupo Maloca Pandêmica.

*Exercício para breve poética 05:* [antecipar memórias]: qual será/é uma memória ou objeto de memória desse período de isolamento? Propõe, registra essa memória e posta no grupo Maloca Pandêmica.

*Exercício para breve poética 06:* [faça um bolo]: registre a receita do bolo com os ingredientes e modo de preparo. Leve o bolo ou pedaço dele para o encontro de amanhã. Como a bolo durante o encontro. Envie a receita para o grupo.

Transvalorar o corriqueiro, o banal; fazer do cotidiano também o lugar e a matéria da produção de poéticas e práticas artísticas. Tratou-se não apenas de um curso para produção de práticas formativas em artes visuais, mas de propor o exercício dessa condição de isolamento, vivendo a casa e o isolamento a partir dessa atitude que dilui as diferenças entre a arte e a vida.

Uma atitude de presença e atualidade. Deslocando Foucault (2000) - quando trata da modernidade, no texto o que atitude de presença, que nos interroga sobre aquilo que fazemos neste momento, no agora. Pede pelas formas que possibilitam viver as condições imediatas dessa realidade, do campo atual das experiências possíveis. E, por atitude define: um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa" (FOUCAULT, 2000, p.341). Essa noção, comprometida com um estado de presença, que nos impele a uma atitude frente à vida, parece encontrar-se em alguma proposição de um ethos para contextos

pandêmicos. Para que possamos ver o pandemônio em atitude de presença, certa atenção demorada deve exercitar-se, um estado de atualidade, atento às nossas condições do sensível. Essas, a serem inventariadas, percorridas com certa calma, experimentadas com uma paciência propositiva. Nessa atitude de atualidade, o que remete à ontologia crítica de Foucault, pode aquela transvaloração sugerida por Oiticica encontrar o hiato para o que há de propositivo nos gestos artísticos possa crescer, deslocando o corriqueiro para o experimental, do ethos ordinário, para um gesto artístico. O câmbio nota-se justamente na atitude frente à atualidade. O que nos demandava o contexto? modos de estar juntas.

Como cuidar e propor relações com a arte? O primeiro dos exercícios para breves poéticas trata-se de criar ocasião: elas partem, primeiramente, de criar ocasião: propor encontro com a arte. Em qualquer um dos três projetos que nos servem aqui de motivo para escrita, havia uma nutrição estética (MARTINS; PICOSQUE, 2012). Um encontro para que relações pudessem ser conjugadas, voltam-se para aquilo que Bourriaud nos convida: “A essência da prática artística residiria, assim, na invenção de relações entre sujeitos; cada obra de arte particular seria a proposta de habitar um mundo em comum, enquanto o trabalho de cada artista comporia um feixe de relações com o mundo, que geraria outras relações, e assim por diante, até o infinito.”

Desses exercícios, uma série de possibilidades de práticas formativas de artes visuais foi se estruturando e se inventariando. Dos exercícios para breves poéticas produziram-se práticas e proposições nos contextos do ensino remoto das escolas de educação básica em que atuavam docentes envolvidos/as nos projetos. Também foi disparo para amadurecimento e mesmo surgimento de poéticas visuais de discentes e docentes envolvidos/as nos projetos.

Essas práticas tiveram como proposição cultivar espaços e tempos de criação de relações, por meio daquilo que ninguém pode fazer por ninguém: experimentar a si mesmo.

Não considero necessário saber exatamente quem sou. O que constitui o interesse principal da vida e do trabalho é que eles lhe permitem tornar-se diferente do que você era no início. Se, ao começar a escrever um livro, você soubesse o que irá dizer no final, acredita que teria coragem de escrevê-lo? O que vale para a escrita e a relação amorosa vale também para a vida. Só vale a pena na medida em que se ignora como terminará. (FOUCAULT, 2014, p. 287).

Um saber de experiência que se funda no mesmo momento em que se propõe uma abertura de si em si mesma. Segundo Larrosa, “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (LARROSA, 2002, p.28). Pensada como propõe Larrosa, aí a experiência adquire forma na singularidade, nas formas particulares do sentir. E... “tudo isso educa para o sensível, para se pensar fora do pensamento único. Tudo isso significa não um método, mas um pouco de ar fresco, uma diferença mínima, um afecto minimamente não-controlável, uma onda de alegria na arte de aprender e de coabitar” (LINS, 2005, p. 1239).

Com Larrosa (2017) fizemos da experiência uma palavra, não um conceito. Uma

palavra que coloca em ação modos de propor *com-tatos* com a arte e suas práticas formativas. Tal atitude não é intencionalidade. Ela se produz pelas aberturas que produzimos no si, pelo cultivo de uma disponibilidade para criação de relações inusitadas com a vida: “para se libertar desse barco é preciso ir procurar sua alma [invenção de si] no paiol, no lugar onde o fogo é verdadeiramente perigoso, num dia de desespero” (SERRES, 2001, p.15). E tal disponibilidade não é tanto para os objetos de experiência em si, mas uma predisposição para os efeitos que se produzem no si a partir da experiência. Uma atenção para aquilo que se passa. O que fazemos nas coletividades dessas ações é criar e propor espaços para que essas experimentações possam acontecer. Não prevemos o acontecimento, mas esperamos por ele, cultivando lugares para que o espaço necessário para a experiência possa se exercitar.

Não obstante, é necessário observar que as formas (de ser, de pensar, de perceber, de nos relacionar) através das quais nos tornamos quem somos, têm alto grau de plasticidade e abertura; e que a natureza dessas práticas parte de uma escolha por atuar sobre os processos de subjetivação, parte de alguns critérios de ação. Uma experiência estética, então, tem a ver com o que atravessa e modifica as formas como nos constituímos quem somos, passa pelas formas como nos formamos em dada sociedade e suas condições de possibilidade (FARINA, 2012, p.03)

Investigar os processos, gestos e procedimentos da criação em arte, para que isso possa verter-se em modos de se relacionar com o mundo. A educação estética contemporânea demanda um vínculo, uma aproximação que requer uma produção de presença:

o desafio da educação estética é fazer com que a arte deixe de ser uma disciplina do currículo e se torne algo incorporado à vida do sujeito, que o faça buscar a presença da arte como uma necessidade e um prazer, como fruição ou como produção, porque em ambas a arte promove a experiência criadora de sensibilização (MEIRA, 1999, p. 131).

O grupo, por ter possibilidade e necessidade de estar em contato, foi provocado com as instruções de breves poéticas e nutrido ao longo dos encontros através do compartilhamento de obras artísticas. Mediação das obras, primeiramente, partindo das seis temáticas e exercícios citados acima. Porém, ao longo dos encontros, os participantes se tornaram mediadores, ressoando suas referências artísticas e produzindo diálogo. Nesse sentido a arte contemporânea propicia movimento, que por meio dos sentidos age e provoca a agir. O movimento devagar de se deixar afetar e ainda se perceber como proponente desta relação, assumindo uma atitude investigativa.

Para isso é preciso oferecer a nutrição apresentando o objeto cultural sem pressa, desacelerando o tempo para que o corpo possa vagar e coletar impressões, sensações, se deixando invadir pela estesia, pelo saber sensível. Criar a oportunidade dessa lentidão para olhar, escutar ou tocar é deixar o corpo tomar a iniciativa e agir na ação silenciosa movente da coleta sensorial. É permitir que o corpo trance uma rede complexa de relações sensíveis e perceptivas sobre o que vê, escuta, toca, vivenciando sensibilidades gestadas na sensação. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p.36)

Lentidão: vagareza, lerdeza, indolência, preguiça, pachorra, demora, morosidade, vagar. Vagar... Uma ponta solta nos sentidos possíveis da lentidão. Vagar como modo de deslocamento nesse tempo do gesto. Vaguear, deambular, errar, vagabundear, andar a esmo; desvairar, doidejar, ciganear. Circunvagiar. Espalhar-se, difundir-se, derramar-se. É preciso demorar na vida, nas coisas por onde o *si* se alarga. Uma formação ética-estética é da ordem dessa demora: estende-se pela vida toda, pois é por meio dela e para ela que se fia (SCHNEIDER, 2018).

Esta ação silenciosa e lenta ocorre na singularidade, podendo ser a preparação para a escuta ou a fala. Quando estas percepções partem para o coletivo produzem tramas de mais complexidade, pois a interação das relações sensíveis e percepções dos outros entram em contato. As tramas possíveis são exercícios de si e de partilha, feitas e movidas pelo afeto. Como Rolnik (2016, p.57) indica ser o primeiro movimento

No primeiro movimento, o dos afetos, estes não surgiam de nenhuma espécie de individualidade dos corpos. A própria palavra “afetar” designa o efeito da ação de um corpo sobre outro, em seu encontro. Os afetos, portanto, não só surgiram entre os corpos – vibráteis. é claro – como, exatamente por isso, eram fluxos que arrastavam cada um desses corpos para outros lugares, inéditos: um devir, ou seja, o que as linhas de fuga faziam na vida de nossas personagens era, exatamente, desindividualizá-las.

Para concluir. Aquilo que ressoa vai ao encontro do inacabamento. Não enquanto ilimitado, mas como passível de contágio, de uma produção que não cessa em um corpo, um gesto, uma obra. Trata-se de algo que se espalha, entrando em um movimento de amplitude da produção de afecções. O meio? O com-tato, a relação que se perfaz pelo cuidado. Entoamos aqui o movimento de Foucault e seu retorno aos gregos antigos: cuidar de si como cuidado do outro. Se assumimos-nos como seres de contato e de relação, é fundamental que possamos cuidar dos modos como propomos tais relações, como as habitamos e como fazemos do mundo o lugar e a matéria de tais relações. Bourriaud (2011): Artista captador de forças. De que modos captamos do mundo e transmutamos forças em proposições artísticas e/ou formativas com arte? Uma pergunta que nos remete ao campo do cuidado ético, que é estético e, por isso, político.

Semanalmente, desde de setembro de 2020, um grupo de pessoas reúne-se remotamente em torno da arte. Para encontrá-la. Como o carrapato de Deleuze (abecedário) espreitamos: ali, com a camera fechado ou não, no silêncio desconfortável, em meio às sinfonias das cenas domésticas, espreitávamos por um sentido. Tratou-se de buscar o encontro, fosse ele qual fosse. Com a arte, mas, sobretudo, consigo mesmo: “o percurso criador, ao gerar uma compreensão maior do projeto, leva o artista a um conhecimento de si mesmo. Desse modo, o percurso criador é para ele, também, um processo de auto-conhecimento. O artista se conhece diante ele um espelho construído por ele mesmo. Rasurar a possível concretização ele seu grande projeto é, assim, rasurar a si mesmo” (SALLES, 1998, p.131).

E a arte reafirma seu lugar político nos processos formativos: é sempre sobre a partilha e o cuidado com a partilha de outrem. E por essa linha que reafirma-se o potencial político de uma formação comprometida com o ético e o estético.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte/Educação. Formação Estética. Pandemia. Ensino Remoto.

## **REFERÊNCIAS**

BOURRIAUD, N. **Pós-Produção: como a arte reprograma a vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de vida. A arte moderna e a invenção de si**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Farina, Cynthia. Mutações do sensível. A arte deslocalizada e o corpo desincorporado. **PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais**, 18(30), 2012.

FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética. Uma revisão do trabalho. In: RABINOW, P; DREYFUS, H. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. O que são as Luzes?. In: **Ditos e escritos, vol. II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

LARROSA, J.B. **Tremores – escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. n. 19 [online]. 2002.

LINS, Daniel. Manguê's school ou por uma pedagogia rizomática. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1229-1256, Set./Dez. 2005.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MEIRA, M. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. IN: PILLAR, A. D. (org.). **Educação do Olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SCHNEIDER, Daniela da Cruz. Da feitura de si: por um gesto artístico na formação. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de

Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2018.

SALLES, C. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** São Paulo: FAPESP Annablume, 1998.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.